

1. CARTA DO REITOR-MOR

Entrega-te, confia, sorri!

**Carta por ocasião do 150º aniversário de fundação da
Associação de Maria Auxiliadora (ADMA) – 18 de abril de 1869**

INTRODUÇÃO. 1. ANCORADOS NA EUCARISTIA E EM MARIA AUXILIADORA. 1.1. Nos passos de São Francisco de Sales. 1.2. Em caminho para o Paraíso. 1.2.1. Maria convida para o banquete celeste; 1.2.2. Maria mestra de sabedoria; 1.2.3. Maria auxílio poderoso contra o mal. 2. UM CAMINHO DE 150 ANOS. 2.1. A consciência de ser instrumento de Deus com a mediação de Maria. 2.2. Uma reminiscência para agradecer. 2.3. Uma renovação a continuar. 2.4. Segundo um dinamismo comunhonal. 2.5. No itinerário da santidade. 3. CARÁTER POPULAR DO CARISMA SALESIANO. 3.1. Religiosidade popular (ou “pie-dade popular” ou “espiritualidade popular”). 3.2. A devoção a Maria Auxiliadora. 3.3. VIII Congresso Internacional de Maria Auxiliadora. 4. DA CASA DE MARIA ÀS NOSSAS CASAS. 4.1. Um itinerário na medida da família. 4.2. Família de famílias. 4.3. A ADMA Jovens. CONCLUSÃO.

Roma, 18 de abril de 2019

Quinta-feira Santa

“Caríssimos filhos em Jesus Cristo,

Deus sabe quão vivo é o meu desejo de vos ver, de estar entre vós, de vos falar das nossas coisas, de consolar-me com a recíproca confiança dos nossos corações. Infelizmente, queridos filhos, a fragilidade pelas minhas antigas doenças, os negócios urgentes que me

chamam à França, impedem-me, pelo menos por ora, de satisfazer os impulsos do meu afeto por vós.

Não podendo visitar-vos a todos pessoalmente, venho a vós por carta, e estou certo de que vos agradareis da lembrança contínua que conservo de vós; vós que, assim como sois a minha esperança, sois também a minha glória e o meu apoio. Por isso, desejoso de ver-vos todos os dias crescendo sempre mais no zelo e em méritos diante de Deus, não deixarei de sugerir-vos de quando em quando os diversos meios que considero melhores para que o vosso ministério resulte sempre mais frutuoso”.¹

Quis iniciar esta carta não com as minhas palavras, mas com as do nosso amado Pai, com o mesmo afeto e com o grande coração com que escrevia aos seus filhos em 1885. E, com os mesmos sentimentos de proximidade, desejo chegar a cada um de vós, caríssimos irmãos e irmãs da Família Salesiana, escrevendo esta *Carta por ocasião do 150º aniversário da Associação de Maria Auxiliadora (ADMA)*, um ano depois do 150º aniversário da consagração da Basílica de Maria Auxiliadora em Valdocco, fazendo memória viva do nosso Pai.

Igualmente no-lo recorda o Papa Francisco: “É viva na Igreja a memória de São João Bosco, como fundador da Congregação Salesiana, das Filhas de Maria Auxiliadora, da Associação dos Salesianos Cooperadores e da Associação de Maria Auxiliadora, e pai da atual Família Salesiana”.² A intuição do nosso Pai levou a fazer coincidir o evento dos 150 anos da fundação da *Associação dos Devotos de Maria Auxiliadora* com o da Basílica a Ela dedicada. Parece-me que esse aniversário justifique suficientemente esta minha carta, que se coloca em continuidade com outras escritas pelos meus predecessores, e possa

¹ J. Bosco, *Circular aos Salesianos sobre a difusão de bons livros*, in *ISS, Fontes Salesianas. Dom Bosco e a sua obra*, EDB, Brasília 2015, p. 557.

² FRANCISCO, *Como Dom Bosco, com os jovens e para os jovens. Carta do Santo Padre Francisco ao Reitor-Mor dos Salesianos no bicentenário do nascimento de São João Bosco*, ACG 421, 2015, p. 112.

ajudar-nos a reavivar em nossos corações o mesmo amor pela Mãe de Deus que guiou Dom Bosco ao longo de toda a sua vida, recordando que sem Maria Auxiliadora nós seríamos qualquer outra coisa, mas certamente não Salesianos e nem Família Salesiana!

Uma das experiências mais belas deste ano de animação da Congregação Salesiana nas visitas a muitos países do mundo, foi a de conhecer a bela realidade da Família Salesiana que o Espírito Santo continua a suscitar e sustentar e, nela, a consolidação dos grupos dos devotos de Maria Auxiliadora. Comove-me ver essa realidade nos lugares mais remotos do mundo. Comove-me encontrar-me com a experiência de muitos jovens que fundaram a *ADMA Jovens* e desejam enriquecer com a sua visão e a sua força esta bela realidade da devoção à nossa Mãe, tão amada pelo próprio Dom Bosco. Comove-me chegar, como farei neste mês de abril, também a lugares tão inimagináveis como a terra do povo Bororo – o mesmo lugar onde dois irmãos, P. Rodolfo Lunkenbein e o índio Simão Cristão Bororo, foram martirizados – e encontrar um belíssimo grupo da ADMA: homens, mulheres e jovens, que ao final da Eucaristia cantaram, naquele santo lugar, a Maria Auxiliadora na língua do seu povo. Até lá chega a glória anunciada pela Mãe: “Esta é a minha casa, daqui sairá a minha glória”.³

Foi o CG21 que nos convidou a renovar a dimensão mariana da nossa vocação, revendo as nossas convicções e levando-nos a fazer uma avaliação atenta da nossa devoção à Auxiliadora como Salesianos de Dom Bosco. Essa, sem dúvida, pode ser uma sugestão útil para toda a Família Salesiana no mundo, de tal modo que hoje se torne atual o apelo que o P. Egídio Viganò nos fez no seu tempo: “Levemos Nossa Senhora para casa”.⁴

³ Cf. *MBp* II, 212.

⁴ E. VIGANÒ, *Maria renova a Família Salesiana de Dom Bosco (carta publicada em ACS n. 289)*, in *Lettere circolari di don Egídio Viganò ai salesiani*, Roma, 1996, vol. 1º, p. 3.

Com o desejo de manter Maria Auxiliadora sempre mais em casa, ofereço-vos, nas páginas a seguir, uma simples reflexão sobre o nosso viver unidos à Eucaristia e a Maria Auxiliadora, no caminho percorrido nestes 150 anos, sobre o caráter popular do carisma salesiano que nos é entregue como tesouro a conservar e sobre o caminho a percorrer da casa da Auxiliadora às nossas casas.⁵ Causa-me grande serenidade saber que ainda hoje, seguindo esses passos, somos fiéis ao caminho percorrido por Dom Bosco e que, como certamente sabemos, a devoção à Mãe de Deus caracterizou e marcou intensamente toda a espiritualidade de Dom Bosco.

1. ANCORADOS NA EUCARISTIA E EM MARIA AUXILIADORA

*“Na igreja dedicada a Maria Auxiliadora em Turim, com a autorização de S. Rev. o Arcebispo de Turim, foi instituída canonicamente uma associação dos seus devotos, que se propõem a promover as glórias da divina Mãe do Salvador, para serem merecedores da Sua proteção na vida e particularmente em ponto de morte. São propostos dois meios especiais: expandir a devoção à Bem-Aventurada Virgem e a veneração a Jesus Sacramentado”.*⁶

Assim inicia o Regulamento redigido por Dom Bosco por ocasião da ereção da *Associação dos Devotos de Maria Auxiliadora*, fundada por ele e aprovada pelo Arcebispo de Turim, Alexandre Riccardi, em 18 de abril de 1869, e do qual ocorre o 150º aniversário.

É significativo que essa ocorrência coincida neste ano com a Quinta-feira Santa, evidenciando que o culto eucarístico é, com a devoção à Imaculada Auxiliadora, ponto basilar para a espiritualida-

⁵ Sirvo-me desta ocasião para agradecer aos Salesianos, às FMA e à ADMA de Valdocco pela rica contribuição que me deram como resultado da reflexão que fizeram às vésperas deste 150º aniversário.

⁶ *Letture Cattoliche*, Anno XVII (Maggio), Fasc. V, pp. 48-50.

de salesiana. A referência é às duas colunas do sistema preventivo e da espiritualidade salesiana. O Cristo que domina a existência de Dom Bosco é prevalentemente, o Jesus vivo e presente na Eucaristia, o Pão da vida, o Filho de Maria, Mãe de Deus e da Igreja. Dom Bosco viveu dessa presença e nessa presença. A Eucaristia sacrifício e sacramento, a Eucaristia de que nutrir-se, a Eucaristia presença real e adorável é, na vida de Dom Bosco, força e consolação, fonte de paz e ao mesmo tempo explosão de atividades. Para o itinerário de crescimento, seu e dos jovens, não há caminho para a santidade sem a Eucaristia. A Eucaristia é a pedra angular para a conversão radical do coração ao amor de Deus. A centralidade de Cristo é vivida, no espírito salesiano, com uma sensibilidade extraordinária de contemplação e de amor à Eucaristia.

1.1. Nos passos de São Francisco de Sales

Quando Dom Bosco decidiu fundar uma associação mariana, ele pensou nos sócios como “devotos” de Maria Auxiliadora. Essa pequena palavra, antiga e atualmente fora de moda, é a chave para entrar no coração incandescente da relação que liga Dom Bosco à Auxiliadora. São Francisco de Sales ensina que a “verdadeira devoção” tem a ver, antes de tudo, com o amor de Deus, ou melhor, não é outra coisa senão o amor autêntico que recebemos de Deus (a graça) e nos torna capazes de corresponder aos seus dons (a caridade). Por isso, “devotos” são aqueles que “voam” pelo caminho da santidade, enquanto a “verdadeira devoção” aperfeiçoa neles todas as ações e todas as obras, da menor à maior, tornando os “devotos” mais cordiais e simpáticos, mais corajosos e prontos ao dom de si, cada um segundo a própria vocação e missão na Igreja.⁷

⁷ Cf. FRANCISCO DE SALES, *Filoteia* I,1,4; 3,13.

De fato, São Francisco de Sales, ao escrever a *Filoteia* com o subtítulo *Introdução à Vida Devota*, propõe um caminho de vida cristã caracterizado por grande alegria e profundidade espiritual, onde devoção nunca é devocionismo: é a “santidade vivida no extremo da caridade”. São Francisco de Sales define com clareza o seu pensamento sobre isso: “A devoção não é outra coisa que uma agilidade e vivacidade espiritual, com a qual a caridade realiza suas ações em nós, e agimos através dela, pronta e carinhosamente”.⁸ Lendo com atenção, compreende-se que o protagonista da devoção é Jesus, que com o seu amor – a sua caridade – “realiza em nós as suas ações” e faz com que “nós atuemos através dela”. Ser devoto significa então saber adquirir uma prontidão habitual de caridade. O que só é possível se ao menos *o extremo do coração* permanecer sempre imerso em Jesus a ponto de permitir-nos seguir prontamente as inspirações que nos oferece.

Ao apresentar os devotos, São Francisco de Sales nos diz que “são homens com coração angélico ou anjos com corpo humano; não são jovens, mas parecem ser, porque estão cheios de vigor e agilidade espiritual; eles têm asas para voar e lançam-se em Deus com santa oração, mas também têm pés para caminhar entre os homens em conversas santas e amistosas; seus rostos são belos e sorridentes porque recebem tudo com doçura e suavidade; eles têm pernas, braços e cabeça descobertos pois seus pensamentos, suas afeições e suas ações pelo outro só tendem a agradar a Deus. O resto de seu corpo está coberto, mas de uma veste bela e delicada, porque usam este mundo e suas coisas de forma pura e límpida, na medida requerida pela sua condição”.⁹

Parece ouvir aqui as palavras do P. Eugênio Ceria, quando descreve como Dom Bosco vivia a união com Deus: “Parece ter sido este, realmente, o seu dom, de não se deixar jamais distrair do pensamento amoroso do Senhor por muitas, graves e ininterruptas [que] fossem

⁸ ID., *Filoteia* I,1,9.

⁹ ID., *Filoteia* I,2,8.

as suas ocupações”.¹⁰ P. Ceria concluía afirmando que tudo na vida exemplar de Dom Bosco, qualquer coisa que fizesse, era oração.

A devoção é um caminho que almeja o alto, as raízes da santidade e do carisma salesiano, e é aquele “estar alegres” que podemos procurar viver já agora na terra e gozar depois para sempre no Paraíso. Obviamente uma ilustração tão bela, se fascina de um lado, do outro pode causar temor a ponto de desencorajar a iniciar esse caminho. Em resposta a essa possível tentação, São Francisco de Sales é peremptório (cf. *Teótimo*) ao lembrar que o Amor pelo próximo e por Deus, meta da devoção, não é apenas uma sugestão: é um mandamento! E o é, precisamente, para que não fôssemos tentados a tê-lo como meta demasiado elevada, a ponto de desestimular-nos e desistirmos de seguir o caminho da devoção.

Dom Bosco, ciente dos nossos esforços e fragilidades, deu um passo a mais, ainda mais belo: não somos devotos genéricos, mas *Devotos de Maria Auxiliadora*. Na sua experiência, o dom do amor que une ao Pai e ao Filho (a graça) e que leva à ação (a caridade), passa explicitamente, quase sensivelmente, pela mediação materna de Maria. De fato, ao longo de toda a sua vida, a presença da Virgem representa a guia constante na realização da missão recebida do Pai; a mestra sábia, que ensina a arte de educar os jovens com amor, como ordenado por Jesus no sonho dos nove anos; o porto seguro nas adversidades, no qual se obtém facilmente proteção, consolação e força do Espírito Santo.

1.2. Em caminho para o Paraíso

A mediação especial de Maria na vida da graça de seus filhos, escreve São Luís Maria Grignon de Montfort no *Tratado da Verdadeira Devoção*, é possível porque Maria, entre todas as criaturas, é a

¹⁰ E. CERIA, *Don Bosco con Dio*, SEI, Torino 1929, p. 209.

mais “conforme” a Jesus Cristo, ou a mais semelhante a Ele e a mais próxima d’Ele. Substancialmente, sustenta ainda Montfort, a “verdadeira devoção” não é outra coisa que a “perfeita renovação dos votos e promessas do santo Batismo”,¹¹ que comportam a renúncia ao mal e ao pecado e a adesão total a Cristo. Ao longo do caminho do cumprimento das promessas batismais, quanto mais amamos Maria e nos deixamos amar por ela, mais ela nos leva a deixar-nos conformar a Jesus pela ação do Espírito: bem sabemos que a Mãe não chama seus filhos e filhas para estar com ela, mas os toma “pela mão” para levá-los ao encontro com o seu Filho Jesus, o Filho de Deus Pai.

Por isso, podemos dizer, em sintonia com a estreia deste ano, que Maria é Mãe e Mestra e nos sustenta para podermos “voar” pelo caminho da santidade. Neste apelo, simples e acessível a todos, a viver com radicalidade o dom do Batismo, a viver com Maria a nossa vocação cristã, está enraizada, portanto, a destinação laical e popular da ADMA: aos sócios não se pede nada além do que se pede a todo batizado. A diferença está naquele “passo a mais” que vem da “verdadeira devoção”, ou seja, do intercâmbio de amor efetivo e afetivo com Maria, que estimula a crescer continuamente no amor de Deus e do próximo.

Nesta perspectiva, torna-se claro que a relação espiritual com Maria, por mais que seja direta, íntima e permanente, não é “isolada, mas finalizada à vida cristã em plenitude [...]. A referência à Mãe do Senhor, que é também mãe nossa, consistindo em dom de si e disponibilidade à sua missão, leva a uma resposta madura e perseverante a Cristo e, por meio dele, ao Pai no Espírito”.¹² Só o amor – Dom Bosco entendera-o bem – nos faz voar pelo caminho da vida. Justamente o amor recíproco, correspondido, entre Maria e os seus “devotos” é o dom que os sócios da ADMA são chamados a levar a todos os ambientes onde vivem e trabalham, sendo um autêntico chamado e um convite a viver a vocação cristã com essa força e vivacidade.

¹¹ Cf. L. M. GRIGNON DE MONTFORT, *Trattato della vera devozione*, III, 1, 120.

¹² S. DE FIORES, *Maria nella vita dello Spirito*, Cirié (Torino) 2003, pp.149-151.

Isso só será possível se o nosso coração estiver cheio de amor por Deus e também por Maria. Nesse sentido, Dom Bosco é um verdadeiro modelo. Assim o evoca o P. Pedro Brocardo quando afirma: “Dom Bosco, santo cheio de Deus, é, ao mesmo tempo, cheio de Maria. De fato, toda a sua vida move-se, depois de Deus e na dependência de Deus, ao redor da Virgem. Antes do sonho dos nove anos, Maria já é uma presença viva na sua existência, por mérito de sua santa mãe terrena: “João... quando vieste ao mundo eu te consagrei à Bem-Aventurada Virgem”. “Eu – Jesus lhe dirá – sou o filho daquela que tua mãe te ensinou a saudar três vezes ao dia”.¹³

Relendo a experiência mariana de Dom Bosco, podemos tomar consciência de como Maria pode ser modelo e mestra em cada uma dessas dimensões fundamentais da vida cristã. Queremos, agora, considerá-las brevemente.

1.2.1. *Maria convida para o banquete celeste*

Na experiência de Dom Bosco, amor a Maria e amor à Eucaristia caminham sempre juntos, são as duas colunas que sustentam a vida e a missão da Igreja. No imaginário mariano de Dom Bosco, que podemos obter de modo especial dos seus sonhos, Maria apresenta-se como a Senhora ou Rainha que espera os jovens ao final da viagem aventureira da vida e os convida a tomar parte no banquete celeste. Como boa dona de casa, Maria acolhe os convidados, depois de ter preparado tudo cuidadosamente. O banquete celeste, como o banquete eucarístico que o antecipa e prepara continuamente, é o lugar da comunhão perfeita. A comunhão com Deus entre nós é o fim último do culto cristão. Jesus oferece-se na cruz para que sejamos readmitidos à comunhão com o Pai; oferece-se no pão para que possamos ser uma só

¹³ P. BROCARD, *Don Bosco. Profondamente uomo, profondamente santo*, LAS, Roma, 2001, p. 127.

coisa com Ele. Do mesmo modo, os “devotos” de Maria Auxiliadora, são convidados a ser protagonistas da celebração eucarística, oferecendo a própria vida, a alegria e o cansaço, para que cresça a comunhão na família, no ambiente de trabalho, na comunidade eclesial.

1.2.2. *Maria mestra de sabedoria*

Maria apresenta-se a Dom Bosco desde o sonho dos nove anos como mestra de sabedoria. O evangelista Lucas esboça o retrato de Maria como uma mulher sábia, que conserva e medita todas as coisas em seu coração. Na verdade, a sabedoria bíblica caracteriza-se pela capacidade de pôr-se a escuta da Palavra de Deus que ressoa no cotidiano. Maria é profeta, porque tem um coração que escuta, que sabe aprender da realidade e sabe reconhecer nela os sinais da intervenção de Deus e da sua salvação. Nos sonhos marianos de Dom Bosco, Maria apresenta-se frequentemente como uma mulher do povo: concreta, ativa, que se tornou sábia na experiência da vida. Maria ensina a Dom Bosco a partir da experiência e em vista da experiência, foge das abstrações, estimula a inteligência do discípulo. Sob este aspecto, é evidente a influência de mamã Margarida no imaginário mariano de Dom Bosco. Como mamã Margarida, os “devotos” de Maria Auxiliadora devem ser profetas com a própria vida, com a sua docilidade a deixar-se provocar pelos acontecimentos, a fazer tesouro da experiência, a deixar-se conduzir passo a passo pelo Espírito. São profetas, antes de tudo, porque são testemunhas, e depois porque – como educadores – são capazes de acompanhar a outros no caminho da vida.

1.2.3. *Maria, auxílio poderoso contra o mal*

Maria apresenta-se muitas vezes a Dom Bosco como Rainha. O majestoso quadro de Maria Auxiliadora na basílica de Valdocco também a apresenta assim: majestosa, rodeada pela corte celeste, com a

coroa sobre a cabeça e o cetro na mão. Uma Rainha “poderosa”, como ainda hoje rezamos na breve oração à Virgem composta pelo nosso Fundador. A realeza, contudo, não é um privilégio de Maria, mas um dom batismal, do qual somos todos chamados a participar. Maria recebe o seu poder diretamente de Jesus, o menino que ela traz em seus braços. É um poder que se manifesta de modo particular na luta contra o mal, contra o pecado. Maria é a Virgem cuja descendência finalmente esmaga a cabeça da antiga serpente. Em sua pregação, Dom Bosco gosta de insistir nesse aspecto e no fato de que Maria intervirá prontamente sempre que for invocada com afeto filial e seguida na sua exortação sobre Jesus: “Fazei tudo o que ele vos disser” (*Jo 2,5*), porque Maria intervém continuamente na vida dos seus filhos. Com essa certeza, os “devotos” de Maria Auxiliadora são chamados a participar da sua realeza na luta cotidiana contra o mal, mantendo sempre acesa a luz da esperança, mesmo nos momentos mais escuros da história de uma família, de uma comunidade, de um povo.

2. UM CAMINHO DE 150 ANOS

Entre as características da pessoa e da santidade de Dom Bosco há a de ser fundador, isto é, iniciador na Igreja de uma particular escola de santidade e ação apostólica que o caracteriza entre os santos fundadores: “é o iniciador de uma verdadeira escola de nova e atraente espiritualidade apostólica; é o promotor de especial *devoção a Maria Auxiliadora dos Cristãos e Mãe da Igreja... é, por excelência, o exemplar de um amor preferencial pelos jovens, especialmente pelos mais necessitados*”.¹⁴

¹⁴ JOÃO PAULO II, *Iuvenum Patris*, https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/apost_letters/1988/documents/hf_jp-ii_apl_19880131_iuvenum-patris.html: os cursivos são meus e entendem evidenciar o específico mariano da espiritualidade de Dom Bosco.

Com a vontade de corresponder à graça e aos sinais que vinham do Alto e o desejo de dar consistência e continuidade à sua obra em favor da juventude, Dom Bosco ouviu o chamado de Deus para dar origem a novas forças apostólicas. Dez anos exatos depois da fundação da Congregação Salesiana e no ano seguinte à consagração da Basílica de Maria Auxiliadora, ele fundou a *Associação dos Devotos de Maria Auxiliadora* (18 de abril de 1869).

A experiência “faz-nos ver de modo luminosíssimo que Maria continuou do céu e com o *maior sucesso, a missão de Mãe da Igreja e Auxiliadora dos Cristãos, que começara sobre a terra*”.¹⁵ Maria Santíssima, após sua assunção ao céu, não interrompeu a sua missão, antes, desenvolveu-a com particular eficácia. Maria é presença viva entre nós e continua na história da Igreja e da humanidade a sua missão materna de medianeira da graça para os seus filhos.

Torna-se óbvio pensar que Dom Bosco percorre esse itinerário mariano pessoal e eclesial porque a sua vida pessoal e pastoral foi marcada por um simples, mas profundo sentimento mariano. Pode-se afirmar com certeza que o seu amor e a sua devoção a Maria foram o fio condutor ininterrupto ao longo da sua vida, ponto de referência constante, experiência de fé que viveu modulando, evoluindo e amadurecendo a partir das diversas circunstâncias pessoais e dos acontecimentos eclesiais. Dom Bosco possui uma consciência clara da presença pessoal de Maria Auxiliadora, realidade que sentiu e viveu de modo muito concreto, que podemos ousar definir como “objetivo”.

Ao falar, em diversas circunstâncias, da fundação da Congregação Salesiana, Dom Bosco manifestou a convicção – como narra o seu sucessor, o Bem-Aventurado Miguel Rua – de que a Virgem Auxiliadora é a sua “fundadora” e também a sua “promotora”, e afirmou de modo seguro que “a nossa Congregação é destinada a coisas

¹⁵ G. Bosco, *Meraviglie della Madre di Dio invocata sotto il titolo di Maria Ausiliatrice*, Torino 1868, p. 45.

grandiosas e a espalhar pelo mundo todo, se os Salesianos forem sempre fiéis às regras que lhes foram dadas por Maria Santíssima”.¹⁶

Percorrendo novamente estes 150 anos, é evidente desde o início a grande e inseparável ligação entre Dom Bosco e a devoção a Maria Auxiliadora, a ponto de ser, para os Salesianos, expressão de fidelidade carismática; para as Filhas de Maria Auxiliadora, garantia de ser com a sua vida “monumento vivo à Auxiliadora”; e, para os devotos da ADMA, Dom Bosco garantirá que estão vivendo uma devoção eclesial, própria da espiritualidade salesiana, em que Maria é sempre um apoio seguro.

O mesmo Padre Rua escreve em outra carta: “Não duvido que, aumentando entre os Salesianos a devoção a Maria Auxiliadora, irá crescendo também a estima e o afeto por Dom Bosco, não menos do que o empenho de conservar o seu espírito e imitar as suas virtudes”.¹⁷

2.1. A consciência de ser instrumento de Deus com a mediação de Maria

Creio que não se possa falar de Dom Bosco e da sua obra sem dar atenção ao caminho de fé vivido por ele próprio. Entendo fazer minha uma palavra do Padre Vecchi que, segundo meu modo de ver, define muito bem as características do caminho vivido por Dom Bosco, que ilustrarei mais adiante. Padre Vecchi escreve: “Sem tornar absoluta a afirmação, pode-se dizer que Dom Bosco começou a construção do santuário como diretor de uma obra e a concluiu como chefe carismático de um grande movimento ainda em germe, mas já definido nas finalidades e nos aspectos distintivos; iniciou-a como sacerdote originário de Turim e concluiu-a como apóstolo da Igreja; passou da cidade para o mundo”.¹⁸

¹⁶ M. RUA, *Lettere circolari*, Torino 1965, 178, pp. 293-294 ss.

¹⁷ M. RUA, *o.c.*, p. 353.

¹⁸ J. E. VECCHI, *Espiritualidade Salesiana*, Brasília: Editora Edebê Brasil Ltda., 2017, p. 240.

A partir de 1862, Dom Bosco sente a necessidade de ter uma igreja maior. A igreja de São Francisco de Sales é muito pequena para os Salesianos e os jovens de Valdocco. A Congregação nascera quatro anos antes como “pequeno núcleo”. Tudo faz pensar que fosse o início de algo que haveria de ter ao longo do tempo uma grande expansão. Era também o ano do encontro de Dom Bosco com Madre Mazzarello (está, portanto, ainda distante o início do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora) e representa o início do alargamento do carisma salesiano ao mundo feminino. Seu coração de pastor leva Dom Bosco a pensar em outras duas fundações: a Arquiconfraria de Maria Auxiliadora e os Cooperadores. Contemporaneamente, a periferia quase rural que era Valdocco, torna-se agora quase um bairro urbano, e Dom Bosco vê a conveniência de dar um local de culto para essa gente.

Em todo caso, a construção do templo vai além da obra técnica e da busca de dinheiro para a sua conclusão. É certamente expressão de um caminho que Dom Bosco está amadurecendo, espiritual e pastoralmente, embora sabendo que é difícil dizer – mesmo para os mais especialistas da alma de Dom Bosco – o que o templo representasse na vida íntima do nosso Fundador.

Pedro Brocardo escreve: “Tudo isso não teria feito dele o grande apóstolo de Maria Auxiliadora, se ele não tivesse passado pela experiência, cheia de sobrenatural, da construção da Igreja de Maria Auxiliadora em Valdocco, e se essa igreja não tivesse se tornado o *coração* e o “*centro da Congregação*”, a “*Igreja mãe*” da Família Salesiana”.¹⁹

Com a construção da Basílica, e com tudo o que aconteceu nesse tempo, com as adversidades e as soluções inesperadas, “prodigiosas”, Dom Bosco experimenta não só admiração, mas quase medo. O que causará admiração antes de tudo, em Dom Bosco, e mais tarde no mundo, é o fato de que foi a Virgem quem praticamente construiu a sua própria casa, indo contra todas as previsões humanas.

¹⁹ P. BROCARD, *Idem*, p.131.

“Este é o milagre que o Teólogo Margotti não se sentia capaz de negar: ‘Dizem que Dom Bosco faz milagres e eu não acredito nisso, mas há aqui um que não posso negar e é este suntuoso templo que custa cerca de um milhão [...] e foi levantado em três anos apenas com as ofertas espontâneas dos fiéis’”.²⁰

É comovente ler a narração desses acontecimentos: Dom Bosco, como bom piemontês, garantira-se com o comprometimento financeiro de algumas pessoas influentes que, como acontece com frequência, não honraram as promessas feitas. Também naquela circunstância Dom Bosco foi deixado sozinho. Mas como referia o testemunho apresentado acima, “só as ofertas espontâneas dos fiéis” tornavam possível algo inimaginável: “parece-nos que *depois* foi determinante para Dom Bosco o fato de ter experimentado, dia após dia, que Maria praticamente construiu para si a “sua Casa” nos terrenos do Oratório e dela tomou posse para de ali irradiar o seu patrocínio”.²¹ “A partir da existência do santuário, a Auxiliadora é a expressão mariana que caracterizará sempre o espírito e o apostolado de Dom Bosco: a sua vocação apostólica lhe parecerá toda ela obra de Maria Auxiliadora, e as múltiplas e grandes iniciativas, sobretudo a Sociedade de São Francisco de Sales, o Instituto das FMA e a grande Família Salesiana, serão vistas por ele como fundação querida e cuidada pela Auxiliadora”.²²

2.2. Uma reminiscência para agradecer

O historiador salesiano Pedro Braido assim descreve, de forma magistral, a fundação da ADMA feita por Dom Bosco: “Organizador nato, Dom Bosco não deixava o culto de Maria Auxiliadora ser fruto somente de devoção espontânea. Dava-lhe a estabilidade de associação que dela tomava o nome. Os testemunhos diretos viram nesta institui-

²⁰ P. BROCARDO, *Idem*, p.132.

²¹ E. VIGANÒ, *o.c.*, p. 16.

²² *Ibidem*.

ção uma das iniciativas mais queridas por Dom Bosco e de mais vasta repercussão após a das duas congregações religiosas e da associação dos cooperadores. Ele mesmo traçava as origens no fascículo *Associação dos Devotos de Maria Auxiliadora, canonicamente erigida na Igreja a Ela dedicada em Turim, com resumo histórico sobre esse título – pelo sacerdote João Bosco*. Após a *Apresentação ao leitor*, alguns pequenos capítulos reevocavam a história do título Auxiliadora, desde a Bíblia até a batalha de Lepanto (1571), a libertação de Viena (1683) e, por fim, a instituição da festa por parte de Pio VII (1814). Breves páginas eram dedicadas à Devoção a Maria Auxiliadora em Munique e Turim e aos favores espirituais concedidos por Pio IX ao santuário turinense. Seguiam documentos relativos à aprovação canônica da *Associação*. O primeiro era de abril de 1869, a *Súplica* de Dom Bosco ao arcebispo de Turim, “para a aprovação canônica da Associação”. Nela pedia que “tomasse em benigna consideração” o “piedoso projeto” e que examinasse os Estatutos e – professando a costumeira ilimitada disponibilidade – “acrescentasse, tirasse, mudasse” o que julgasse oportuno, “com todas as cláusulas”, “julgadas mais oportunas para promover as glórias da Augusta Rainha do Céu e o bem das almas”. A aprovação de Dom Riccardi de 18 de abril era benévola e generosa, em sintonia com o Breve de 16 de março, com o qual Pio IX tinha concedido à Associação em fase de ereção, amplas indulgências que valiam por dez anos. A última parte do fascículo continha o texto do estatuto, uma longa série de preces e práticas devotas com a indicação das relativas indulgências, breve catequese sobre as indulgências em geral e o decreto de 22 de maio de 1868, com o qual Pio IX concedia a indulgência plenária a todos os que “religiosamente” tivessem visitado “a Igreja de Turim, dedicada a Maria Virgem Imaculada sob o título de Maria Auxiliadora, na festa titular da mesma igreja ou em um dos dias precedentes”.

“Como estava habituado a dizer na apresentação de documentos importantes, Dom Bosco atribuía a origem da *Associação* a “repetidos

pedidos” provenientes “de todas as partes e de pessoas de toda idade e toda condição”, durante e após a construção e a consagração da igreja. Pensava-se em associados “os quais unidos no mesmo espírito de oração e de piedade se entregassem à grande Mãe do Salvador, invocada com o belo título de Auxiliadora dos Cristãos”.

“Também nessa circunstância Dom Bosco afirmava imediatamente que os estatutos não eram obra de arte em organicidade doutrinária e jurídica, mas brilhavam pela urgência e praticidade. Retornava o estreito liame que costumeiramente ele estabelecia entre a devoção a Maria Santíssima e a Jesus presente no Santíssimo Sacramento da Eucaristia. A matéria era dividida em três títulos, sem um título inicial: *o escopo e os meios, as vantagens espirituais, a aceitação*. [...] Para maior difusão da Associação, Dom Bosco obteve sua instituição como Arquiconfraria, com a faculdade de agregar-se a associações semelhantes, já existentes ou que viessem a ser instituídas”.²³

2.3. Uma renovação a continuar

A Arquiconfraria de Maria Auxiliadora, assim chamada por Dom Bosco (hoje ADMA), adquire desde o início uma dimensão mundial, alternando períodos de grande vitalidade e difusão com fases de crise e esquecimento. Em 1988, ano centenário da morte de Dom Bosco, dá-se o relançamento histórico feito pelo Reitor-Mor P. Egidio Viganò. Um reconhecimento significativo vem do Capítulo Geral 24 dos Salesianos (1996), que afirmou: “Dom Bosco deu vida também à *Associação dos devotos de Maria Auxiliadora* envolvendo-a, com ações acessíveis à maioria da gente simples, na espiritualidade e na missão da Congregação”.²⁴

²³ P. BRAIDO, *Dom Bosco, padre dos jovens no século da liberdade*, Editora Salesiana, São Paulo 2008, vol. I, pp. 522-523.

²⁴ CG24, 80.

Pode-se dizer também que a Congregação e a Família Salesiana percorreram um caminho de amadurecimento na devoção a Maria Auxiliadora. De fato, a nossa espiritualidade salesiana não pode ser separada da devoção a Maria Auxiliadora. Seria o mesmo que tentar separar – por absurdo – Dom Bosco de Maria Auxiliadora. A nossa devoção à Auxiliadora está intimamente relacionada tanto com a “missão” salesiana quanto com o “espírito” próprio do carisma salesiano que recebemos de Dom Bosco como *dom* do Espírito Santo.

A fidelidade da ADMA ao longo deste caminho histórico chega a 7 de outubro de 2003, quando a Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica aprova o novo Regulamento da Associação.

A partir de 2007 a ADMA renovou-se de modo especial e cresceu em número e qualidade, graças ao envolvimento das famílias e as diversas iniciativas como os Congressos Internacionais de Maria Auxiliadora de Czestochowa (2011) e de Turim (2015).

Outras grandes ajudas no caminho de renovação, crescimento no sentido de pertença e formação compartilhada entre os mais de 800 grupos locais presentes no mundo são o itinerário formativo anual, a comemoração mensal de Maria Auxiliadora, os retiros e exercícios espirituais, a publicação mensal de *ADMA online* em 7 línguas, a gestão do *site*,²⁵ a publicação dos *Quaderni di Maria Ausiliatrice*.

2.4. Segundo um dinamismo comunhonal

O caminho de renovação da ADMA nestes anos amadureceu em profunda sintonia com o da Igreja universal, que dedicou dois Sínodos dos Bispos à família e outro aos jovens.

Ao final dos Sínodos sobre a família o Papa observava: “A experiência vivida tornou os participantes no Sínodo cientes da impor-

²⁵ www.admadonbosco.org

tância que uma forma sinodal da Igreja tem para o anúncio e a transmissão da fé. A participação dos jovens contribuiu para “despertar” a sinodalidade, que é uma “dimensão constitutiva da Igreja. [...] Como diz São João Crisóstomo, “Igreja e Sínodo são sinônimos”, pois a Igreja nada mais é do que este “caminhar juntos” do Rebanho de Deus pelas sendas da história ao encontro de Cristo Senhor”.²⁶

A perspectiva sinodal foi reafirmada com vigor pelo *Documento final* do Sínodo dos Bispos sobre os jovens como forma própria do ser e agir hoje da Igreja: “A sinodalidade tanto caracteriza a vida como a missão da Igreja, que é o Povo de Deus – formado por jovens e idosos, homens e mulheres de toda cultura e latitude – e o Corpo de Cristo, no qual somos membros uns dos outros, a começar pelas pessoas marginalizadas e oprimidas... É nas relações com Cristo, com os outros, na comunidade, que se transmite a fé. Tendo em vista também a missão, a Igreja é chamada a assumir uma fisionomia relacional, que coloque no centro a escuta, a hospitalidade, o diálogo e o discernimento comum, num percurso que transforme a vida de quem nele participa... Deste modo, a Igreja apresenta-se como “tenda da reunião” onde se conserva a arca da aliança (cf. Ex 25): uma Igreja dinâmica e em movimento, que acompanha caminhando, fortalecida por numerosos carismas e ministérios. É assim que Deus Se faz presente neste mundo”.²⁷

Expressão desse caminho compartilhado é a experiência sempre mais vivida, na ADMA, da comunhão de fé e de pertença carismática entre os diversos estados de vida: consagrados, sacerdotes, leigos. Há uma circulação de dons e de oração, um intercâmbio fecundo que ajuda cada um a encontrar e consolidar a própria identidade. Isso ajuda a superar um modo de relacionar-se, às vezes entendido de forma funcional, se não até mesmo utilitarista, recuperando dinâmicas mais eclesiais e comunhonais no mesmo espírito salesiano.

²⁶ *Documento final do Sínodo dos Bispos sobre os jovens* (27 de outubro de 2018), n. 121.

²⁷ *Ibidem.* n. 121-122.

A evidenciação da beleza e da complementaridade entre os vários estados de vida é uma perspectiva a acolher e valorizar também em chave vocacional: sacerdotes, consagrados, consagradas e leigos que compartilham um caminho de fé e de empenho apostólico salesiano. Entre consagrados e leigos cria-se uma comunhão de vida que ajuda e enriquece a identidade própria de cada um, facilitando o recíproco reconhecimento e valorização e o apoio mútuo não só em nível operativo e funcional, mas fraterno e espiritual, segundo a respectiva especificidade.

Essa proposta permite alcançar e envolver o laicato de modo correto. A ADMA favorece a aceitação de responsabilidades da parte dos leigos e uma participação da missão não só *ad intra*, mas também *ad extra*, ou seja, não só nas nossas obras, mas também em outros âmbitos da Igreja e da sociedade.

O horizonte de compreensão e promoção da ADMA está na formação e no amadurecimento de leigos gerados para a espiritualidade e a missão próprias da Associação, em sintonia com a eclesiologia de comunhão e a redescoberta de uma nova consciência profética, sacerdotal e pastoral dos leigos. Ainda, a referência à laicidade da Associação supera a tendência de identificar unilateralmente a Igreja com a hierarquia e com os padres e encoraja a responsabilidade comum e a missão do Povo de Deus. Ao mesmo tempo, o horizonte laical da Associação desencoraja a tendência de conceber o Povo de Deus segundo uma ideia puramente sociológica ou política, e promove a novidade e a especificidade deste povo como corpo de Cristo. “Olhar para o Povo de Deus é recordar que todos fazemos o nosso ingresso na Igreja como leigos. O primeiro sacramento, que sela para sempre a nossa identidade, e do qual deveríamos ser sempre orgulhosos, é o Batismo. Através dele e com a unção do Espírito Santo (os fiéis) “são consagrados para serem edifício espiritual e sacerdócio santo” (LG, 10)... Faz-nos bem recordar que a Igreja não é uma elite de sacerdotes, consagrados e bispos, mas que todos formamos o Santo Povo

fiel de Deus. Esquecer-nos disto comporta vários riscos e deformações na nossa experiência, quer pessoal quer comunitária, do ministério que a Igreja nos confiou”.²⁸

A colaboração entre os três estados de vida da Igreja exige certamente uma mudança de mentalidade pastoral que toca todas as vocações, mas que, em relação aos leigos, requer reconhecê-los e valorizá-los não só como “colaboradores”, mas como “corresponsáveis” do ser e agir da Igreja, a fim de favorecer o seu amadurecimento e empenho. Por isso, na ADMA, os leigos são exatamente os primeiros responsáveis pela animação qualificada e eficaz da Associação.

2.5. No itinerário da santidade

A ADMA é “um itinerário salesiano de santificação e de apostolado”,²⁹ proposto e vivido na perspectiva do chamado universal à santidade tão caro a São Francisco de Sales, que aconselhava a vida devota para todos, e ao nosso Pai da Família Salesiana, Dom Bosco, quando propunha aos jovens do oratório e das classes populares a meta da santidade como horizonte aberto a todos, fácil de percorrer e orientado para uma felicidade sem fim. São Francisco de Sales e Dom Bosco apresentavam a santidade não como um itinerário reservado a privilegiados, mas sempre como um chamado a todos onde quer que vivessem, qualquer que fosse o seu estado de vida, profissão ou atividade. O Concílio Vaticano II confirmou e proclamou essa realidade. O Papa Francisco a reafirma com força na *Exortação apostólica* sobre o chamado à santidade no mundo atual, *Gaudete e exultate*. Também a Estreia salesiana para 2019 é um claro e decidido apelo à santidade para todos: “A santidade é também para você”.

²⁸ FRANCISCO, *Carta ao Presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina* (26.04.2016).

²⁹ *Regulamento ADMA*, art. 2.

Trata-se de um caminho que, às vezes, certamente requer ir contracorrente, mas que no final é – exatamente – bem-aventurança, isto é, felicidade. É muito importante, seguindo o exemplo e inspirando-se no humanismo e otimismo de São Francisco de Sales, tornar conhecido que viver como cristão é também do ponto de vista humano algo que torna felizes já nesta terra, apesar das dificuldades que todos nós precisamos enfrentar.

Primeiramente, é um itinerário de santidade a ser vivido em família, dando testemunho positivo, sobretudo com a perseverança no amor entre os esposos, entre pais e filhos, entre irmãos e irmãs, entre jovens e anciãos. É preciso desejar e buscar o bem do outro. Em concreto, esse “bem” exige aceitar o outro como ele é; dedicar tempo ao diálogo, construir relações marcadas pelo afeto e o respeito, saber-se compreender e perdoar, economizar os lamentos. Uma família que não desiste diante das dificuldades e onde, como a Sagrada Família de Nazaré, tanto pais como filhos vivem a fé em Deus e na Providência é um grande apoio e um recurso fecundo para a Igreja e a sociedade.

Não deve ser pouco o testemunho que, no seio da nossa Família Salesiana difusa no mundo todo, damos a todos os homens, como mulheres e homens consagrados, procurando concretizar, com todas as nuances carismáticas de cada grupo, esta grande intuição de Dom Bosco: tornar simples e acessível a todos o itinerário de santidade na vida cristã de todos os jovens.

Trata-se de propor, portanto, também às jovens gerações o ideal da santidade – seguir Jesus – na vida ordinária feita de estudo, amizades, trabalho, serviço, tornando-as conscientes de que o mundo, e com ele a Igreja, já está em suas mãos. Por isso, os jovens devem receber uma boa formação humana e cristã e, ao mesmo tempo, sentir-se acolhidos com esperança e confiança. O ponto central está em ajudá-los a conhecer e amar Cristo nas circunstâncias ordinárias e viver a entrega confiante a Maria Auxiliadora dos Cristãos.

Quando ocorre que eu entre em Valdocco, na igreja de São Francisco de Sales, vivo uma grande emoção, porque, para mim, é um dos lugares mais significativos para nós: é a pequena igreja que foi testemunha de muitos momentos de santidade, oração, caminho de crescimento dos jovens. Aqui, Domingos Sávio entrou numa tão profunda sintonia com a Eucaristia que chegou a perder o sentido do tempo e do espaço. Aqui, ele e seus amigos se ofereceram a Maria Imaculada, prontos a trilhar realmente um caminho compartilhado de santidade. Aqui rezou Mamãe Margarida. Aqui celebraram sua primeira Missa: Miguel Rua, João Cagliero e outros Salesianos das primeiras gerações. Aqui, a vida de fé de muitos jovens tornou-se caminho de crescimento na santidade dia após dia. É belíssimo para mim fechar os olhos e imaginar aqueles jovens e Dom Bosco nesta pequena igreja, com a mesma estrutura, embora com outras pinturas. Isso me toca profundamente o coração.

A Estreia deste ano, à qual já me referi, diz que podemos propor aos nossos jovens o dom, a graça, o desafio, o dever, a oportunidade de ser santos. Em nossa Família Salesiana temos, com menos de 29 anos de idade, 46 santos, bem-aventurados, veneráveis e servos de Deus.

O que mais fascina neste chamado à santidade é que não se trata de fazer coisas especiais, fora do normal, mas permitir seriamente que o Espírito Santo trabalhe no coração, no profundo do que somos e vivemos, continuando a levar adiante o estudo, o trabalho, as relações, as amizades, os serviços, os acampamentos de férias, os cantos... tudo.

O mundo de hoje precisa de jovens convictos, não de jovens “alienados”; de jovens que tenham feito a opção por Deus, que sejam humildes, testemunhas corajosas da alegria do Evangelho. Ainda hoje, existem muitíssimos jovens no mundo do nosso carisma salesiano que anseiam por escrever uma bela página com a própria vida, inspirando-se nos primeiros jovens do Oratório de Valdocco, onde teve início e foi realizada uma verdadeira escola de vida e de santidade.

Como já dizia, pensando na restauração da Casa “Dom Bosco” (Casa Pinardi) – que está sendo concluída –, ali, com Dom Bosco, surgiu dia a dia uma *escola de santidade vivida no cotidiano*. De fato, no clima da Estreia deste ano, foram centenas de adolescentes, moças e jovens que me disseram em vários encontros no mundo todo que em seu grupo de fé, em sua casa salesiana, de modo pessoal ou com alguns amigos, pensaram seriamente em fazer um verdadeiro caminho de autêntica vida cristã santa, que os leve a uma santidade vivida no cotidiano, uma santidade “ao pé da porta”, recordando a expressão do Papa Francisco. Quero dizer que não se trata de alienação. Os jovens de hoje, como os de ontem, precisam apenas sentir que existem grandes ideais para a sua vida.

Também a ADMA de hoje vive com esta tensão espiritual. Igualmente, os grupos da ADMA contam entre os seus associados algumas mulheres que a Igreja indica como exemplo de vida e de quem invoca intercessão para apoiar-nos no caminho de fé.

Entre elas a Bem-Aventurada Alexandrina Maria da Costa: em 12 de setembro de 1944, o P. Humberto Maria Pasquale, seu diretor espiritual, inscreveu-a na Associação. Depois, a Bem-Aventurada Teresa Cejudo Redondo, mulher e mãe, mártir em 1936: ela contribuiu para a fundação da ADMA em Pozoblanco (Espanha) e foi eleita sua secretária. Ainda as Servas de Deus Rosetta Franzi Gheddo, inscrita em 1928 no grupo ADMA de Nizza Monferrato, e Carmen Nebot Soldá, de La Palma del Condado (Espanha), falecida em 2007. Essas Bem-Aventuradas e Servas de Deus distinguem-se pelo amor especial à Eucaristia e à Virgem Santíssima – as duas grandes colunas da espiritualidade salesiana – além de pelo testemunho heroico da fé no sofrimento, no martírio, na vida familiar. Elas estão unidas pela participação no carisma salesiano e manifestam de modo singular o espírito de Dom Bosco vivido na laicidade, na família e na sociedade. São um modelo e um estímulo para a santificação dos membros da ADMA e da Família Salesiana.

3. CARÁTER POPULAR DO CARISMA SALESIANO

No imaginário comum, o carisma e a obra salesiana são associados normalmente ao mundo juvenil. É muito importante reconhecer, com este aspecto fundamental, a dimensão popular do carisma, que Dom Bosco expressou também através da fundação da ADMA, promovida por ele para a defesa e o crescimento da fé no povo cristão. A fé em Jesus Cristo e a entrega a Maria, segundo o espírito apostólico de Dom Bosco, são, portanto, as referências constitutivas da identidade e da missão da Associação.

A classe popular é o ambiente natural e ordinário onde exprimir a opção juvenil, o espaço social e humano onde buscar e encontrar a juventude. Há, realmente, entre os jovens e o povo uma relação de compenetração. A ação da Família de Dom Bosco, para acompanhar as novas gerações no esforço de promoção humana e de crescimento na fé, entende evidenciar os valores evangélicos de que são portadores os jovens e as classes populares. É no conjunto do povo de Deus que, na diversidade dos estados de vida e das idades, se encontra a valorização das relações intergeracionais e o papel da família, dando uma resposta simples e acessível ao desafio de uma sociedade muitas vezes desagregada e em conflito.

A dimensão popular da missão salesiana caracteriza-se de modo especial e é expressão típica do carisma de fundação: “Iluminado desde o Alto, Dom Bosco interessou-se também pelos adultos, com preferência pelos mais humildes e pobres, pelas classes populares, o subproletariado urbano, os imigrantes, os marginalizados, numa palavra, por todos os mais necessitados de ajuda material e espiritual. Fiéis à orientação de Dom Bosco, os Grupos da Família Salesiana compartilham essa opção preferencial. A Associação de Maria Auxiliadora inseriu em seu novo Regulamento o apostolado salesiano dirigido especialmente à classe popular”.³⁰

³⁰ *Carta de identidade carismática da Família Salesiana*, n. 16.

Fazemos uma verdadeira experiência de Deus na dedicação a essa grande e variada comunidade de pessoas “da vida de todos os dias”: “*A classe popular* é o ambiente natural e ordinário onde encontrar os jovens, sobretudo os mais necessitados de ajuda. A ação da Família de Dom Bosco dirige-se à gente comum, apoiando-a no esforço de promoção humana e de crescimento na fé, evidenciando e promovendo os valores humanos e evangélicos de que é portadora, como o sentido da vida, a esperança de um futuro melhor, o exercício da solidariedade. Dom Bosco traçou, também para a Associação dos Salesianos Cooperadores e a Associação de Maria Auxiliadora, um itinerário de educação à fé para o povo, valorizando os conteúdos da religiosidade popular”.³¹

3.1. Religiosidade popular (ou “piedade popular” ou “espiritualidade popular”)

Dom Bosco, tanto pela formação recebida em família e no seu ambiente religioso como pela organização impressa na sua ação pastoral entre os jovens, valorizou a religiosidade popular, entendendo-a como expressão de uma visão sapiencial da vida e de uma significativa integração entre vida e fé, elaborando formas fecundas de piedade e espiritualidade cristã. O Magistério dos pontífices e a mesma reflexão teológica na Igreja percorreram um caminho profundo e rico nestes últimos decênios. É uma realidade que nos ilumina e confirma na mesma convicção de Dom Bosco, que hoje promovemos, e à qual damos atenção também através da ADMA no mundo todo.

Nessa perspectiva, assim se expressa São Paulo VI na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*: “a religiosidade popular [...] bem orientada, sobretudo mediante uma pedagogia da evangelização, é algo rico de valores. Assim ela traduz em si uma certa sede

³¹ *Ivi*, n. 31.

de Deus, que somente os pobres e os simples podem experimentar; ela torna as pessoas capazes para terem rasgos de generosidade e predispõe-nas para o sacrifício até ao heroísmo, quando se trata de manifestar a fé; ela comporta um apurado sentido dos atributos profundos de Deus: a paternidade, a providência, a presença amorosa e constante, etc. Ela, depois, suscita atitudes interiores que raramente se observam alhures no mesmo grau: paciência, sentido da cruz na vida cotidiana, desapego, aceitação dos outros, dedicação, devoção, etc. [...]. Bem orientada, esta religiosidade popular, pode vir a ser cada vez mais, para as nossas massas populares, um verdadeiro encontro com Deus em Jesus Cristo”.³²

O Papa Francisco faz notar que o seu predecessor Paulo VI convida, no mesmo documento, a utilizar o termo *piedade popular* em vez de religiosidade popular e que, sucessivamente, o episcopado latino-americano no documento de Aparecida dá um passo à frente e fala de *espiritualidade popular*. “Os três conceitos são válidos, mas juntos”.³³

O Papa, embora ciente da necessidade de vivermos sempre atentos à purificação das diversas expressões dessa religiosidade, considera-a *uma forma genuína de evangelização*, que deve ser promovida e valorizada, sem diminuir a sua importância: “Seria um erro pensar que quem vai em peregrinação vive uma espiritualidade não pessoal, mas “de massa”. Na realidade, o peregrino leva consigo a própria história, a própria fé, luzes e sombras da própria vida. Cada um traz no coração um desejo especial e uma oração particular. Quem entra em um santuário sente imediatamente que se encontra na própria casa, acolhido, compreendido e apoiado”.³⁴

Nesse contexto eclesial colocamos a devoção a Maria Auxiliadora promovida pelo nosso pai Dom Bosco em nossa Família Salesiana.

³² PAOLO VI, Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, n. 48.

³³ FRANCISCO, *Discurso aos agentes de peregrinações e reitores de santuários*, Roma 21 de janeiro de 2016.

³⁴ *Ibidem*.

3.2. A devoção a Maria Auxiliadora

A devoção a Maria Auxiliadora foi entendida e promovida por Dom Bosco justamente numa perspectiva de ajuda e defesa da fé no povo de Deus, tentado por ideologias que esvaziavam o sentido cristão da vida e por muitos movimentos que atacavam a fé e a unidade da Igreja fundada na rocha sólida da profissão de fé de Pedro. Em Dom Bosco, a devoção à Auxiliadora não evidencia um título particular e original, desconhecido anteriormente; mas é uma referência à maternidade universal de Maria, que intervém na obra de fundação da sua Família, realizando assim, por assim dizer, um trabalho a dois. É convicção profunda e irremovível de Dom Bosco: “Foi Ela quem tudo fez”. Pode-se confiar em Maria. Por isso, pode-se entregar-se a Ela com confiança. Isso tudo segundo aquela inspiração eclesial que valoriza as diversas expressões públicas e pessoais da liturgia, doutrina, espiritualidade e piedade popular que a Igreja reconhece e autoriza. Dom Bosco estava convencido que seria possível atuar ao longo do tempo a paixão apostólica do *Da mihi animas cetera tolle* apenas ancorando-se nas grandes colunas da espiritualidade e da pedagogia cristã e salesiana: a Eucaristia e Maria Santíssima. A partir de uma renovada devoção a Jesus Eucaristia e a Nossa Senhora Auxiliadora serão construídas relações fraternas novas, capazes de desenvolver e favorecer um bom discernimento e dar vida a uma ação educativa e pastoral em sintonia com o Evangelho.

Fazer com que Maria Auxiliadora seja conhecida, amada e servida é o compromisso que queremos assumir, encorajados pelas palavras proféticas de Dom Bosco, apóstolo da Auxiliadora: “*Esta devoção, ou seja, este amor, esta confiança, este entusiasmo e recurso a Maria Auxilium Christianorum vai aumentando sempre mais entre o povo fiel, e dá motivo para dizer que virá um tempo, em que todo bom cristão, juntamente com a devoção ao SS. Sacramento e ao Sagrado Coração de Jesus, se orgulhará de professar uma terníssi-*

ma devoção a Maria Auxiliadora".³⁵ De fato, "na Família Salesiana a Associação acentua o valor peculiar da devoção mariana como instrumento de evangelização e de promoção das classes populares e da juventude necessitada".³⁶

É realmente importante evidenciar que a pertença da ADMA à Família Salesiana não é genérica, mas enraizada na especial devoção mariana vivida e difundida por São João Bosco. O caráter mariano da Associação expressa um dos elementos constitutivos do carisma e do espírito salesiano. Desta pertença, assim motivada, deriva o empenho de participar na missão juvenil e popular própria do carisma salesiano, valorizando o compromisso de conservar, incrementar e defender a fé entre o povo de Deus. "Atualmente, quando a fé é colocada em dura prova, e diversos filhos e filhas do Povo de Deus estão expostos a tribulações devido à sua fidelidade ao Senhor Jesus,³⁷ quando a humanidade (...) demonstra uma grave crise de valores espirituais, a Igreja sente a necessidade da intervenção materna de Maria, para reforçar a sua adesão ao único Senhor e Salvador, para levar avante a evangelização do mundo com o frescor e a coragem das origens cristãs, para iluminar e guiar a fé das comunidades e dos indivíduos, em especial, para educar os jovens ao sentido da vida, aos quais Dom Bosco se entregou totalmente como pai e mestre".³⁸

³⁵ *La nuvoletta del Carmelo, ossia la divozione a Maria Ausiliatrice premiata di nuove grazie*, per cura del sacerdote GIOVANNI BOSCO, S. Pier d'Arena, Tipografia e libreria di S. Vincenzo De' Paoli, Torino – Nizza Marittima, Libreria Salesiana Patronato di S. Pietro 1877.

³⁶ *Regulamento ADMA*, art. 3.

³⁷ Enquanto escrevo esta página recebo, pela segunda vez em pouco tempo, a notícia da morte de um nosso missionário. Em três meses, em Burkina Faso (Inspetoria da África Ocidental Francófona) foi cruelmente interrompida a existência de dois irmãos missionários, P. César Antonio Fernández e P. Fernando Hernández. As palavras do Papa se realizam: "Atualmente, todos os dias, no mundo todo, milhares de cristãos perdem a vida por causa da fé".

³⁸ JOÃO PAULO II, *Angelus* (31 de janeiro de 1988).

3.3. VIII Congresso Internacional de Maria Auxiliadora

Nesta perspectiva, agrada-me recordar a celebração do VIII Congresso Internacional de Maria Auxiliadora, que será celebrado em Buenos Aires, Argentina, de 7 a 10 de novembro de 2019 com o tema: *Com Maria, Mulher crente*.

O evento, ao colocar no centro a escuta da Palavra, evidencia que a fé em Jesus é transmitida de pessoa a pessoa, de geração em geração, narrando as maravilhas realizadas por Deus. Isso tudo com a proximidade de Maria, aquela que acolheu Jesus no seu seio virginal e, por isso, é mãe, mestra e guia da fé, de modo particular no acompanhamento das jovens gerações no seu caminho para a santidade.

O VIII Congresso Internacional de Maria Auxiliadora é um evento da Família Salesiana, promovido pela Associação de Maria Auxiliadora (ADMA) segundo as orientações do Reitor-Mor e em diálogo com o Secretariado da Família Salesiana e com a Família Salesiana da Argentina.

A escolha do tema quer recordar a primeira fronteira missionária de Dom Bosco e ao mesmo tempo o valor especial que a devoção à Auxiliadora tem para o Papa Francisco. A Basílica de Maria Auxiliadora no bairro de Almagro, Buenos Aires, é o lugar onde Jorge Mario Bergoglio foi batizado e onde expressou constantemente o seu amor a Maria Auxiliadora, até quando precisou deixar a sua terra por ter sido elevado à cátedra de Pedro.

4. DA CASA DE MARIA ÀS NOSSAS CASAS

O carisma salesiano na animação da família volta às suas origens, e a família, no encontro com o espírito de Dom Bosco, cresce em dinamismo e alegria evangélica. Demonstramos uma atenção especial à situação atual da família, sujeito originário da educação e primeiro lugar de evangelização. A Igreja inteira tomou consciência das graves

dificuldades em que ela se encontra e reconhece a necessidade de oferecer ajudas extraordinárias para a sua formação, o seu crescimento e o exercício responsável da sua missão educativa. Toma-se, assim, consciência de que a Pastoral Familiar e a Juvenil devem estar abertas uma à outra e caminhar juntas.

Na Família Salesiana “atenção especial é dada à família, lugar primário de humanização, destinado a preparar os jovens ao amor e à acolhida da vida, e primeira escola de solidariedade entre as pessoas e os povos. Todos estão empenhados em garantir-lhe dignidade e solidez a fim de ser, de maneira sempre mais evidente, uma pequena ‘igreja doméstica’”.³⁹

A atenção à família é finalizada à promoção humana, evangelização e educação das novas gerações: “Formar “bons cristãos e honestos cidadãos” é a intencionalidade muitas vezes expressa por Dom Bosco para indicar tudo de que os jovens precisam para viver com plenitude a própria existência humana e cristã: roupa, alimentação, alojamento, trabalho, estudo e tempo livre; alegria, amizade; fé atuante, graça de Deus, caminho de santificação; participação, dinamismo, inserção social e eclesial”.⁴⁰

A Associação de Maria Auxiliadora também se renovou nesta perspectiva e vê sempre mais a presença de famílias e jovens casais que, sob a guia de Maria, compartilham um itinerário de vida, feito de formação, participação e oração. Maria é Mãe e Mestre de educação para as pessoas poderem ser esposos e pais. Essa renovação é fruto de um mandato específico do Reitor-Mor, P. Pascual Chávez, depois do V Congresso Internacional de Maria Auxiliadora (México, 2007), mandato confirmado também por mim por ocasião do Congresso de Turim em 2015.

A ADMA é um apoio na fidelidade à vocação dos esposos e

³⁹ *Carta de identidade carismática da Família Salesiana*, n. 16.

⁴⁰ *Ivi*, n. 17.

grande ajuda na educação dos filhos. O projeto da Associação olha para as famílias com uma visão que envolve toda a família. É a linha que entrelaça como num bordado o caminho dos pais e o dos filhos. Observando os pais rezarem e compartilharem a fé, os filhos aprendem a viver em família na presença de Jesus e Maria; e os pais, olhando para os filhos, convencem-se sempre mais de que o testemunho da fé é o dom mais belo que podem oferecer, a herança mais rica que podem deixar para eles.

Daí vem o compromisso de assegurar que as famílias se tornem lugares privilegiados de crescimento humano e cristão na vida cotidiana, na aceitação das virtudes que moldam a existência. É preciso caminhar com as famílias, acompanhá-las nas situações complexas que devem enfrentar, individualizando novos caminhos e estratégias comuns para apoiar os esposos em sua vocação matrimonial.

As famílias são as fontes primárias da educação e terreno fértil para o crescimento cristão. Hoje, para propor um caminho cristão aos jovens, é fundamental colaborar com suas famílias e acompanhá-las. Os âmbitos de interesse nos quais exprimir essa sinergia cobrem todo o arco da vida afetiva e da experiência familiar: a educação dos adolescentes e dos jovens ao amor, a preparação dos noivos ao matrimônio e à vida de família, o acompanhamento dos filhos e filhas que sentem um chamado especial à vida consagrada ou ao ministério presbiteral, a celebração do Matrimônio, o acompanhamento dos jovens esposos e dos pais, a atenção especial às famílias em dificuldade e às situações irregulares, a espiritualidade conjugal e familiar na perspectiva da espiritualidade salesiana.

4.1. Um itinerário na medida da família

Essa é a experiência nascida na ADMA, nos passos de Dom Bosco. Uma proposta para viver em plenitude a vocação de esposos e pais, de irmãos e irmãs, encontrando no cotidiano os tempos para a

oração, o diálogo, o perdão e a caridade. Fica-se, assim, em sintonia com o estilo familiar de bondade do carisma salesiano, o estilo do Oratório, procurando viver todos os momentos, mesmo os mais difíceis, sob o olhar de Jesus, de José e de Maria, na caridade recíproca e sem perder a esperança. O testemunho mais belo é fazer que a Eucaristia e Maria Auxiliadora se tornem realmente colunas de sustentação da vida, pontos de referência nas dificuldades de todos os dias. O sonho das duas colunas de Dom Bosco torna-se o coração do itinerário das famílias: o amor entre esposos que se renova todos os dias, o crescimento espiritual como indivíduos e como famílias, a formação como pais na difícil missão educativa, a amizade entre os filhos que os torna capazes de compartilhar a fé e testemunhá-la aos outros. Cada família participa segundo as próprias possibilidades. Não falta o convite a cultivar a participação na vida da Igreja local tomando parte ativa nas atividades das paróquias ou dos oratórios. Isso tudo me parece um modo bellissimo de exprimir e desenvolver, fielmente e com a visão teológica e eclesial de hoje, o que Dom Bosco entendia no seu tempo.

4.2. Família de famílias

Em nossos dias, nenhuma família pode viver isolada. A cultura hedonista e desorientadora, como também a solidão, que caracterizam muitas vezes os estilos de vida das pessoas, tornam necessário criar ambientes em que aprofundar e cultivar juntos os valores cristãos. Trata-se de caminhar para ser Família de famílias, compartilhando as alegrias e carregando juntos pesos e cansaços, com algumas atenções:

– *Colocar o Matrimônio no centro e Jesus no centro do Matrimônio*

Procurando viver a vocação de esposos e pais conscientes da necessidade de fazer Jesus habitar no cotidiano, confiando-Lhe preocupações e cansaços, alegrias e desejos sob a guia de Maria e a guarda de São José. Deus deseja manifestar-se através “do agir cotidiano dos esposos”, dando atenção às relações, à educação dos filhos, ao empe-

nho no trabalho e no apostolado.

– *Garantir o primado da graça*

Toda família recebe dons e graças. Na fidelidade cotidiana a oração cresce a consciência de ser filhos e filhas amados por Deus e cresce o amor conjugal e familiar. Na oração, Deus renova todos os dias a graça recebida no Sacramento do Matrimônio, enchendo a vida de significado.

– *Experimentar como a oração se transforma em caridade*

Os dons recebidos no itinerário de oração e de formação são ofertados na vida de todos os dias. São várias as modalidades: da abertura às necessidades de famílias próximas ou em dificuldade, ao trabalho pastoral especialmente pelos jovens ou pelos mais pobres, ou na formação e na comunicação a outras famílias. Atenção particular volta-se às famílias mais jovens, para que a experiência dos que caminham há mais tempo seja posta à disposição delas.

– *Espiritualmente acompanhados*

O acompanhamento espiritual é fundamental para os indivíduos e casais, com a presença de sacerdotes, de consagrados e dos próprios esposos que trilharam um belíssimo caminho de vida familiar conjugal, cristã e salesiana, que se tornam guias preciosos no caminho da fé, compartilhando a experiência de Deus que está no coração da sua vocação e missão.

4.3. A ADMA Jovens

Uma graça especial de Maria Auxiliadora é o início de grupos juvenis que querem fazer sua a espiritualidade e a ação apostólica da ADMA. Com as famílias, o “enxerto” dos jovens revela-se um dom providencial de Maria Auxiliadora, que cuida das novas gerações. Este é um ponto importante em que continuar a refletir e com o qual confrontar-se, valorizando também situações providenciais que se

possam encontrar. Certamente, o caminho a percorrer é a ligação com a Pastoral Juvenil e a oferta aos jovens de experiências e caminhos significativos.

A ADMA Jovens é a proposta de um itinerário de vida cristã para adolescentes e jovens, segundo o carisma de Dom Bosco: viver com Maria Auxiliadora a experiência da fé, do amor do Pai, da obra redentora do Filho, da força do Espírito Santo, pondo-se a serviço do Evangelho e da Igreja. Trata-se de acolher com alegria e disponibilidade o dom da graça para torná-lo fecundo através de opções concretas e coerentes de vida.

Pensando nos jovens e na devoção a Maria, não podemos ignorar o que Dom Bosco pedia aos seus jovens e como os levou a amar a Virgem. Encontramos demonstração disso, entre os muitos exemplos que podem ser apresentados, nas biografias de Domingos Sávio⁴¹ e de Miguel Magone⁴² escritas por Dom Bosco.

De Domingos Sávio, Dom Bosco escreve: “Domingos tinha uma grande devoção à Mãe de Deus. Em sua honra fazia diariamente alguma mortificação [...]. Cultivava uma devoção especial ao Imaculado Coração de Maria. Todas as vezes que entrava numa igreja, ia logo ao seu altar para lhe pedir que lhe concedesse a graça de conservar o seu coração bem longe de qualquer afeto impuro [...]. Não se limitava a ser devoto de Nossa Senhora, mas ficava radiante de alegria todas as vezes que podia levar alguém a honrá-la com práticas de piedade”.

E de Miguel Magone, Dom Bosco escreve: “É preciso afirmar que a devoção a Nossa Senhora é o sustentáculo de qualquer fiel cristão, de modo especial para a juventude [...]. Magone conheceu esta verdade importante, que de modo providencial lhe foi comunicada”.

⁴¹ J. Bosco, *Vida do jovem Domingos Sávio, aluno do Oratório de S. Francisco de Sales*, in ISS, Fontes Salesianas. Dom Bosco e sua obra, EDEBÊ, Brasília 2015, p. 1138-1140.

⁴² J. Bosco, *Perfil biográfico do jovem Miguel Magone aluno do Oratório de S. Francisco de Sales*, in ISS Fontes Salesianas. Dom Bosco e sua obra, EDEBÊ, Brasília 2015, p. 1185-1191.

E desejando consagrar-se totalmente a Maria “o diretor respondeu que ainda não tinha idade de fazer votos daquela importância”. Então Miguel Magone respondeu: “sinto grande vontade de me entregar todo a Maria e, se me consagrar a ela, certamente ela me ajudará a manter a promessa”.

A tradição educativa salesiana do amor à Virgem deve fazer-nos pensar muito seriamente na maneira de cultivar essa dimensão em nossa proposta de pastoral juvenil. É por isso que, como expressão juvenil da ADMA, os jovens participam com pleno título do espírito e da vida da Associação com modalidades e momentos próprios. De especial valor é o fato que em algumas regiões do mundo, particularmente na ADMA Primária de Turim, muitos dos adolescentes e jovens são filhos de casais que pertencem à ADMA; isso favorece itinerários de fé em chave geracional, atentos à realidade da família e fundamentados no espírito de família. Num contexto sociocultural marcado pelo relativismo antropológico e ético, valorizemos a relação estreita com as famílias como um verdadeiro valor acrescentado seja para a eficácia apostólica da ADMA, seja para a formação afetiva dos jovens, seja para as possibilidades de renovação da educação segundo o Evangelho. De fato, no interior de toda comunidade cristã deve ser reconhecido o insubstituível papel educativo dos pais e demais familiares. Os pais são, em primeiro lugar, aqueles que manifestam todos os dias, no amor que os liga entre si e aos seus filhos, a atenção de Deus pelos seres humanos.

O Sínodo sobre os jovens de 2018 e a Exortação Apostólica pós-sinodal em forma de Carta aos Jovens *Christus vivit* são um forte apelo nesta direção: acompanhar os jovens no reconhecimento e acolhida do apelo ao amor e à vida em plenitude, e também pedir aos próprios jovens que identifiquem as modalidades mais eficazes hoje para anunciar a Boa-Nova.

Acompanhar os jovens requer sair dos próprios esquemas pré-concebidos, encontrando-os onde eles vivem, adequando-se aos seus

tempos e ritmos; significa também levá-los a sério no seu esforço de decifrar a realidade em que vivem. Devem ser acompanhados, ajudando-os a fazer com que o anúncio recebido por gestos e palavras entre e fecunde o seu esforço cotidiano de construir a própria história e identidade, na busca de sentido para suas vidas, que sempre faz parte do seu caminho, mesmo quando não o é de modo explícito e consciente.

Os jovens têm, pela própria natureza, uma grandíssima energia, precisam de espaços onde se mover, precisam de perspectivas amplas, de desafios grandes a enfrentar, de um futuro a projetar. Também precisam de um olhar de confiança que os estimule e os convide e incite a traduzir a sua energia em serviço, testemunho, apostolado. Criar espaço também significa dizer aceitar o jovem como ele é, aceitar os seus tempos e os seus erros, sobretudo onde o jovem empenha as suas energias em experiências de serviço, sem ficarem muito preocupados e focados nos resultados, à espera de elevados níveis de “profissionalismo”. Significa olhar para a pessoa na sua totalidade, para que amadureça no seu itinerário de crescimento humano e de fé.

CONCLUSÃO

Enquanto damos graças pelos 150 anos de vida da Associação de Maria Auxiliadora, fiéis ao carisma do nosso santo Fundador da Família Salesiana, empenhamo-nos em deixar-nos guiar pelo Espírito Santo para um renovado impulso evangelizador e educativo. Trata-se de levar a fé em Jesus Cristo e o amor a Maria a todos os jovens, rapazes, moças, adolescentes, especialmente os mais pobres e necessitados (jamais nos esqueçamos disso!). Trata-se de semear esta sensibilidade ainda nos primeiros anos quando os jovens vivem a idade do fascínio pelos valores religiosos; trata-se de compartilhar a fé em Jesus e o amor pela nossa Mãe com muitos amigos, familiares, colegas, vizinhos, conhecidos. O essencial desse estímulo evangelizador consiste em renovar a Associação com atenção privilegiada à família

e às novas gerações, favorecendo e dando atenção à amizade pessoal, à abertura a todos e o espírito de serviço, fazendo nossas as atitudes profundamente evangélicas de Maria: a disponibilidade a Deus, a fidelidade na hora da prova e da cruz, o espírito de alegria e de ação de graças pelas maravilhas operadas pelo Senhor.

Cantemos com o espírito do *Magnificat* a nossa gratidão pelo bem que a ADMA tem experimentado nestes 150 anos, também graças à fidelidade de muitas pessoas humildes que mantiveram viva a chama da Associação em tempos difíceis, de crise e de contestação, para que o dom recebido de Dom Bosco pudesse continuar a ser transmitido de geração em geração.

Ao lado do grande ícone de Maria Auxiliadora na Basílica de Turim, a estátua de Dom Bosco apresenta-o com o modelo da igreja na mão, a significar que a obra salesiana é marcada pela presença de Maria Auxiliadora. A fidelidade a Dom Bosco não pode prescindir da devoção à Auxiliadora, tão cara ao seu coração apostólico e ao coração de todos os seus sucessores. É uma herança carismática sempre a redescobrir e promover.

“Esta presença materna e operante de Maria é o fundamento da Associação e a inspiração do compromisso dos membros para o serviço do Reino de Deus”.⁴³ A Associação e a pertença a ela fundamentam-se na experiência da maternidade e do auxílio de Maria na própria história. A maternidade vista, tocada, experimentada, anima e sustenta todos os trabalhos, propósitos e ações de bem. Maria está conosco, ama-nos e protege-nos. Daqui nasce o sentido evangélico do serviço que jorra da alegria de sentir-se salvos e de empenhar-se com zelo no anúncio e na construção do Reino de Deus, a exemplo e com o auxílio de Maria que magnifica o Senhor e ao mesmo tempo se professa sua humilde serva.

Façamos também a experiência da maternidade de Maria, para sermos as suas mãos estendidas a todas as criaturas, para que cada

⁴³ *Regulamento ADMA*, art. 1

homem se aproxime do Deus de amor. A entrega constante a Maria caracteriza intensamente a nossa espiritualidade. “A entrega é um dinamismo ascendente: é fazer o dom de si para responder com generosidade à missão a cumprir; mas é também dinamismo descendente: acolher com confiança e reconhecimento o auxílio d’Aquele que guiou Dom Bosco e continua a guiar a Família espiritual que teve nele a sua origem”.⁴⁴

A presença vivamente sentida de Maria em nossa missão educativa e evangelizadora é confirmação e salvaguarda de que não estamos fazendo “coisas nossas” e não contamos apenas com nossas forças: estamos respondendo a um dom e um chamado, embora no empenho e na paciência exigidos pelas nossas respostas, sempre limitadas. A entrega autêntica a Maria, a primeira a ser evangelizada e a primeira evangelizadora, é, para nós, um fato carismático que nos capacita para a consciência de sermos servos e mediadores da graça de Deus. Maria, estrela da evangelização, ajuda-nos, como fez em Caná da Galileia, a saber captar os verdadeiros apelos dos jovens e do povo de Deus e convida-nos a dar atenção ao seu Filho: “Fazei tudo o que ele vos disser”.⁴⁵

A Associação de Maria Auxiliadora é uma luz que brilha para o mundo salesiano e nos convida a ser, com Maria, discípulos e missionários do Evangelho da alegria. Muitos olhos dirigem-se para esta realidade, capaz de envolver, como Associação, famílias, pais e filhos, jovens e anciãos, rapazes, moças e adolescentes. Minha apreciação é motivada pela constatação de que, às vezes, novas oportunidades da nossa realidade nascem não porque haja um projeto pré-concebido, mas porque a vida chama; é a vida que por si evidencia o que mais conta e o que mais precisamos. O valor específico mais precioso na ADMA é o fato da fé vivida em família, onde Nossa Senhora está presente e acompanha. Isso tem um grande valor para a

⁴⁴ *Carta de identidade carismática da Família Salesiana*, n. 37.

⁴⁵ *Jo 2,5*.

Igreja, um valor excepcional.

Concluindo, permito-me compartilhar uma profunda convicção que trago no coração. Caminhando pelo mundo vejo que investimos muitas energias numa multiplicidade de iniciativas, para realizá-las do melhor modo possível, muitas com uma generosa dedicação ao social: isso tudo é muito precioso e é sempre salesiano. Contudo, às vezes, faltam momentos de verdadeira relação entre as pessoas; ocasiões para falar de Deus, de Jesus, para celebrar a fé, para exprimir a fé que nos sustenta. Falamos de muitas coisas, mas, às vezes, não do que tem raízes profundas. Neste sentido, a Associação de Maria Auxiliadora tem muitos elementos belíssimos; entre eles a fé e a oração sobressaem e devem permanecer como prioridades. Ver as famílias, ver os filhos, ver os jovens e os anciãos juntos é esplêndido.

Agradeço a todos os que tornam esse caminho possível e convido a nossa Família Salesiana inteira e todas as nossas presenças a potencializar este amor à Mãe com a mesma paixão educativa e evangelizadora vivida por Dom Bosco. Asseguro-vos que não vos faltará a proteção do Senhor, a presença materna de Maria Auxiliadora e a intercessão de Dom Bosco. Em particular, peço a toda a nossa Família Salesiana: promovamos a abertura da Associação nos lugares em que ainda não está presente, com criatividade pastoral, embora se tenham passado 150 anos da sua fundação. Maria Auxiliadora fará o resto.

São João Paulo II no-la propôs como uma bela carta de navegação, dizendo-nos como Família Salesiana: “Com a vossa obra, caríssimos educadores, estais a realizar um extraordinário exercício de maternidade eclesial (*Gravissimum educationis*, 3). Tende sempre diante de vós Maria Santíssima como a mais elevada colaboradora do Espírito Santo, que foi dócil às suas inspirações e por isso se tornou Mãe de Cristo e Mãe da Igreja. E também na Igreja continua a ser uma presença materna, como indicam as palavras pronunciadas na Cruz:

“Mulher, eis o teu Filho”; “Eis a tua Mãe” (*Redemptoris Mater*, 24)”.⁴⁶

Obrigado a todos pelo vosso testemunho. E caminhemos juntos com ousadia: *entrega-te, confia, sorri!* Que Deus vos abençoe!

A handwritten signature in black ink, reading "Ángel Fernández Artime". The signature is fluid and cursive, with a large initial 'A' and a long horizontal stroke at the end.

P. Ángel Fernández Artime S.D.B.
Reitor-Mor

⁴⁶ JOÃO PAULO II, *Juvenum Patris*, o.c. p. 31.